

nina rizzi

*quando vieres
ver um banzo
cor de fogo*



PATUÁ
EDITORA
LIVROS SÃO AMULETOS

Copyright © Editora Patuá, 2017.

Quando vieres ver um banzo cor de fogo © Nina Rizzi, 2017.

Editor
Eduardo Lacerda

Ilustração, Projeto gráfico e Diagramação
Leonardo Mathias | flickr.com/leonardomathias

Assistente Editorial
Ricardo Escudeiro

R627q Rizzi, Nina.

Quando vieres ver um banzo cor de fogo. / Nina Rizzi.

São Paulo: Patuá, 2017.

ISBN

I. Poesia Brasileira I.Título.

CDD – 869.91

Índice para catálogo sistemático:

I. Poesia Brasileira I.Título. 869.91

Todos os direitos desta edição reservados à:

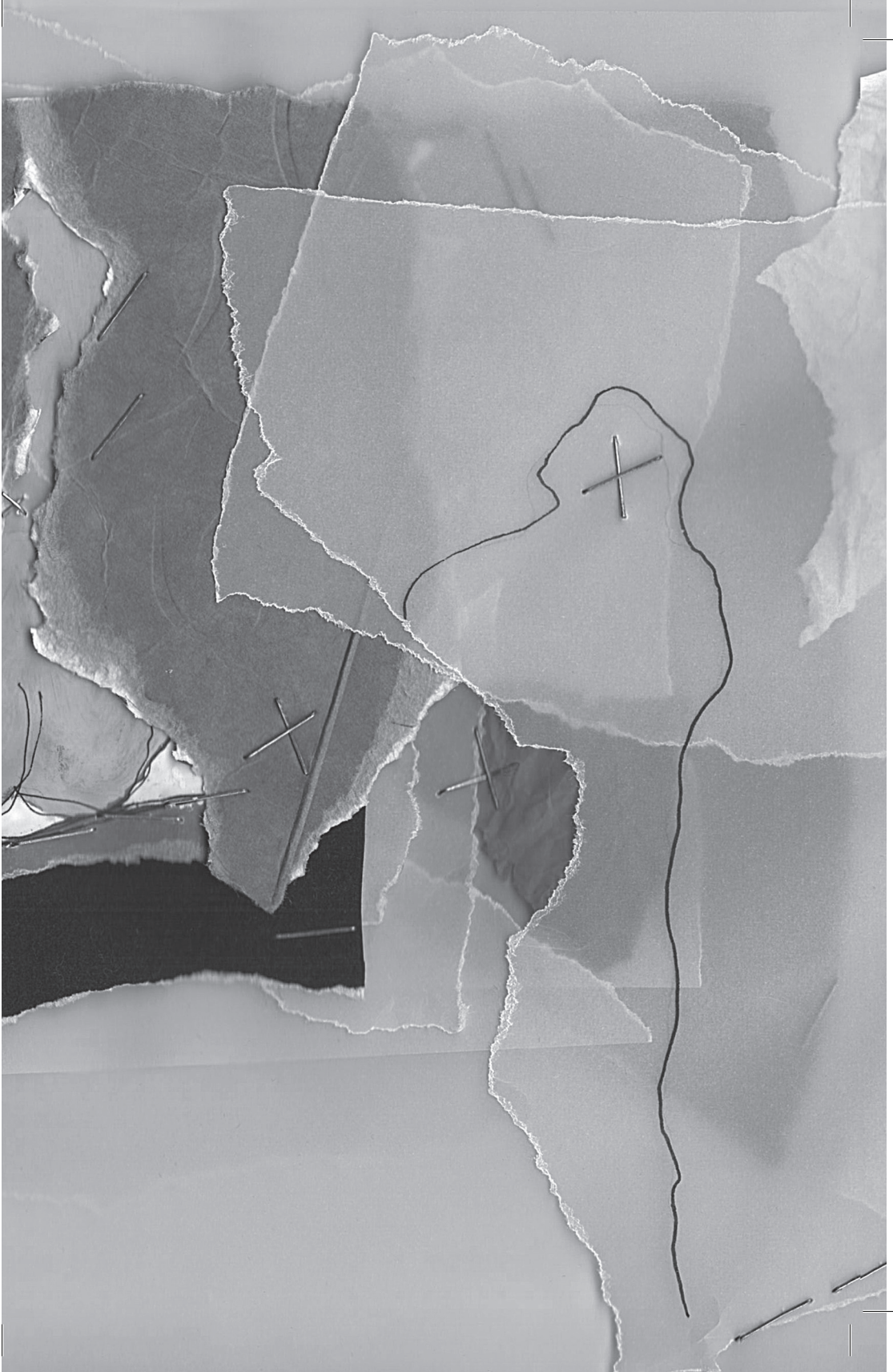
Editora Patuá

Rua Manuel Luiz de Araujo Costa, 287 – Casa 1

CEP 03280-020 São Paulo – SP Brasil

Tel.: (11) 2216-0407 / (11) 974928378

www.editorapatua.com.br



Tendo aflorado, a sós, a fonte da futura fala,
e desdobrado, a sós, um pouco de amor;
tendo criado, a sós, um breve som sagrado,
ele refletiu longamente
sobre com quem compartilhar a fonte da fala;
sobre com quem compartilhar o amor,
com quem partilhar as feiras de palavras do som sagrado.

Depois de muito meditar,
com o saber contido em seu ser-de-céu,
e sob o sol de seu lume criador,
desdobrou-se em quem refletiria
seu ser-de-céu.

[...]

“E por isso, Tupã, meu filho, pai verdadeiro
do granizo e da chuva guardarás o frescor
no âmago do coração de nossos filhos.

Só assim

na vida dos que irão se erguer no leito terreno,
mesmo dos que não querem conviver com amor,
haverá temperança.

Pois com a vida nessa névoa fria
nossas filhas queridas
nossos queridos filhos vindouros,
irão conviver nos termos do amor
sem sofrer os excessos do calor”.

[*Ayvu porá tenonde* – “primeiras palavras inspiradas” - mito cosmogônico
dos Mbyá-Guarani, traduzido para o português por Josely Vianna Baptista]

para **m.** *que es coyote y es*

deixai falar o animal

1. carne carne

A escrita nos torna selvagens. (...) É preciso ser mais forte do que aquilo que se escreve. (...) É uma coisa estranha, sim. Não é apenas a escrita o escrito, são os gritos dos animais da noite, todos, os teus e os meus, os dos cães. (...) É também o lado mais violento da felicidade. Acredito nisso, sempre.

-- Marguerite Duras, tradução de Vanderley Mendonça

*gostava quando ficava escuro e podia dormir
dormir era enfim estar comigo
o amor é uma coisa que dá sono*

como uma tristezinha bonita
pra não enfadar a felicidade
ah, a felicidade!

ir se
assentando sobre os pratos
os lençóis suados da cama
o junco dos nossos rostos
dias assim de entremeios
de inventar jeitos de brincar
de alegrias findas as vindouras
um livro na cabeceira que teimava
não ser escrito ser incêndio a bordo
quando vieres ver um banzo cor de fogo

m. diz que chorar dá sono
o amor é uma cisa que dá sono
eu tenho muito sono de gozo de morte
de fome e puro sono rastejo até a cama
como pudesse fugir os olhos pequenos
o sono
gosto mesmo de nessa hora sono
brincar as alegrias ah! a felicidade
 esse ser menino índio a se bolar
 no mar o amor sim o amor existe
 o amor é uma felicidade
 uma poema anterior ao rastro da poema

ninadí ricy

eu já fui u'a índia

falava co fogo co'as águas plantas y ventanias
coisas da terra e da boca do céu

dançava me banhava nuinha co'a maloca toda

mal'bão memo
era cumê homi branco

amor, pobre amor

o que eu vou fazer
quando não restar sequer
as paredes de te me esfregar?

amor, rico amor

ele me goza só olhar e descansa. e ri:
essa preta não tem etiqueta.

lovisa

da greta fico a te espiar
mas se abre as pernas
me garbo

homérica

de dançar os teus lábios - macios
bem-humorados
minha língua se riu

crepúsculo sobre a iracema

sobre meus olhos - umidez.

sobre meu sexo - uma flor.

acredite, nos labirintos - umidez e uma flor.

[negra, negra.

segunda poema pra dentes

quero do teu sertão

ser a gogóia, que apatola
e come em pelo, come esgalamido

festa da chuva, carne e sangue, 1969

do meu criador quero seu nome
- ó nome de deus, seu nome é deus

o fruto do meu ventre, seu sêmem

- vem, leumas, que gr_ávida está
a terra por umidade

do amor, sou onírica musa

: fartas ancas, largos dentes; brusca,
eguo-me

ama zona

ainda bem nunca cri em príncipe encantado
melhor me vem o cavalo branconegríndio

que pequito tu tienes

o meu benzinho quando me chama
- putinha,
me deixa logo mole molinha.

é o seu T, um tesão.

ron ron

a gatinha em minha calcinha
de sessão infantil
não diz: miau

ela geme:
me come lobo mau

moenda

sinhô mim põe a muê
di garapa i di melaço
vô num braço vô cu otro
maim noitinha é ele
qui mim mói todinha

poeminha manhoso pra me cobrir todinha

ay, amor, nua não...

me veste de gala...

antipoema

pra porra co' lirismo!
poesia concreta
é teu pau ereto por entre
minhas gretas e becos

ensaio pra automutilação

um maço de fios me escorre dos dedos
quando os passo nos cabelos

fecho os olhos, as pernas

em consciência do corpo tudo dói
flashes da noite passada, carne moída
gelo nas extremidades, fogo nos entremeios

ouvi:

- você é minha
e não desdisse, um grampo me varou as narinas

matéria suspensa, arremessada
me entrego sem menisquência, como pudesse ser

quando meu corpo cala, falo & aconteço.

sinto àquela contração no colo do útero
- eram lindos os dias em que acordava
como se você me estivesse nos dentes.

[lembro]

pra um poema de roberto piva

carrego nos ombros e no sangue
mistérios

lésbicos lunares

bélicos como teu nome-
canção

pássaros náufragos
nenúfares

canção pra foder nathália

vou devassar a cona de nathália
a dedos, língua, cruz e souza.

se rapidinho não me demora
subo a sugar seus peitos flácidos, belicosos.

mas, ai, que ela implora
- fica, desce, entra, esconde, enterra, fica!

se afoitas de chupar não esquecemos, 'inda mais deliciosos
são os vaga-lúmens de seu cuzinho a anunciar os
crepúsculos dos anéis de saturno.

enquanto piscam duas ou três fantasmas

[é manhã amanhecida, semicerrados olhos. te lambo, repetida

*][aqui ou na eterna madrugada, em sua cartografia
chiaroscuro de noventaesete fantasmas*

][tarde e repetida: quando a hora mais solar: afogamento.]



2. amar a poema

«Assim desperta em ti o sonho de 'aprender de cor'.
De deixares que o coração te seja atravessado pelo ditado.
De uma só vez, e isso é o impossível, isso é a experiência
poemática. Não conhecias ainda o coração, assim o aprendes.
Por esta experiência e por esta expressão. Chamo poema
àquilo que ensina o coração, que inventa o coração, enfim
aquilo que a palavra coração parece querer dizer e que na
minha língua mal distingo da palavra coração [...] Não há
poema sem acidente, não há poema que não se abra como
uma ferida, mas que não abra ferida também. Chamarás
poema a uma encantação silenciosa, à ferida áfona
que de ti desejo aprender de cor.»

- Jacques Derrida, "Che cos'è la poesia?", tradução de Osvaldo Manuel Silvestre

*digo além o corpo
uma voz além
ressoa em meu estômago vazio
penso a poema
um verso o' u mago' te linha
penso a poema silêncio
a palavra silêncio é ainda um ruído
a palavra silêncio rasura a poema
a poema nasce sozinha
a fala poema fantasmática*

laloc, laescr

a voz & a voz
fa'ar ou vir diz er es'cutar

uma solidão de animal confinado
o cem-censo de pés

quem vai escrever os meus diários se fracassa a poema
se *a multidão tem mil olhos* & nenhuma língua?

forjar a intimidade
afastar-se
ao deixar ao devir à morte

ainda um outro chegar-entre

construir a falta com o sem-nome
deixar que se mova a poema ao amor
innocence nonsense idiomanimal

como o nome yvy marã e'ỹ

1.

yvy marã e'ỹ é a unha que trisca areia no chão ardido
y o nome do sem-nome pombos raios estacas

que se desdobra sol eterno sob água y vento
a labareda acima

yvy marã e'ỹ é a mancha de sangue subindo as costas

2.

desde agora o amarelo
a chispa o grude a fumaça a tatuagem - karai

yvy marã e'ỹ é alcançar a água que veste o fogo
y *tanto más*

toré na cidade cheia de olhos

umas horas y listo
quedas para o alto
um rio pra narciso

uns lugares sem olhos y
me exorbita toda sangre
- - até a pura água negra

fios brancos encarnados esparramados
pela casaoca – y canta a casaoca óóca
o coyote ri! é um selvagem y uiva y ri

a menina e o gato, o gato e a menina

*mal posso erguer as pálpebras cansadas
quando ele pronuncia meu nome*

se num fosse gato
o silêncio desabitava
os gestos selvagens
precisos indisperdiçáveis

u'a menina olha
corre acaricia arranha

que importa metafísica
ranger de dentes
se eu durmo o dia inteiro

//

num é preguiça
lá fora faz sol chuva
arde uiva a lua

a menina quer
te passear

pode gostar
estar só não
si'num te conhece
lugar do mapa

mas gato tem que levantar
lamber leite derramado
dorme comigo gato dorme

a menina e o cocô, o cocô e a menina

hoje eu fiz um cocô tão lindinho
era bem pequenininho
parecia uma nuvem
caindo do céu
aí quando ele caiu espirrou
que nem as lágrimas da chuva
numa poça d'água

gato diz que vamos voar

amaluna, amar a poema

1.

olhos de mulher
caudalosa sanguínea

o desejo-mundo todo

2.

ela diz que vem me visitar
me pede para visitá-la

e ficamos nas águas nas florezinhas muintas

onde a hora mais solar

3.

ela tem dois todo abysmo
caio

o cair é toda ela

4.

umas noites todas no *wc*
a linha do seu joelho e coxa

mapa em meus dedos

5.

ela sorri assim
um risinho-quase-tímido

quase. tanta

até me estalar os dentes

6.

o arfar absoluto

pequena voz
chispa e flecha disparada

plexo fremente
lama é o respirar junto

7.

vintequatro passas da minha boca às tuas mãos

me entrega umas senhas umas estradas
a água mais doirada e rito

parima pacaraíma vivida

8.

nomear a poema
uma mulher e a poema possível

amaluna, selva

vertebral

penso palavras tão puras
palavras tão negras

uma mão escreve o silêncio
outra mão agarra o nada

y uma flor
y outra flor

um vau de rio na escuridão
um vaso índio e a pura lama

penso palavras tão puras
palavras tão negras

o olho mansidão
claraclaridade

o mar e o cheiro do mar
o barco e o barqueiro

uma respiração do abdome
aos pulmões ao abdome

penso palavras tão negras
palavras tão puras

no movimento dos dedos
a ligação do céu co'a terra

no movimento dos quadris
a união do vento co' fogo

na imobilidade
a mais completa ação

penso palavras tão negras
palavras tão puras

nossa verdade ninguém vê
o fogo a textura a série

uma ruazinha
nascada de tinta

um precipício na esquina
arribação do tuyyo

penso palavras tão negras
palavras tão puras

e a poema está inteira

in progress

selva'jazz

*“Viagem à roda do mundo
Numa casquinha de noz:*

um olhar me atravessa sem medo
de promessas me atravessa silencia
aprendo de cor um olhar que sabe
não haver amanhã - *maybe maybe*
um olhar de afeto este é
meu coração *le coeur de l'autre*

so/ sinto meu coração tocar
na língua e no coração
un couer que cresce
como o olhar poema
em minha mão

I could be/ ... a king of infinite space”

canción para seguir a lerte, en lugar de distancia

algun día
mañana tal vez

aún noche

ver tus palabras
un rasgo en la ventana

un copo de sopa
tal vez chicha o té

y listo

algun día
mirar tus ojos

mientras el mundo
se va en un cerrar

de dientes
morder tus dientes

a mí también me gusta
estar cerca

los profundos tus
ciénagas profundas

andar a tientas tu cara
llena de baches

en fin tal vez
verte

una poema
entera

abysmo

mergulho-risco quando pixo

- é preciso cuidar bem do coração
te mando um salve enquanto
os manos incendeiam uma viatura aqui na rua
- é preciso politizar a ferida
com a mão inteira acariñar a chispa
que arde fundo cá dentro. dá-me tua mão
- é preciso cuidar bem do coração

a pedra glória de um deus-coyote

1.

uma pedra e tudo muda, querido
não tinha agora essa faca tão bem ajustadinha na garganta
e são tantas essas facas que me marcam em aviso
eu também sou a outra, eu também
do alto dos cinco metros de andaime enferrujado
só uma pedra, um elevador, sua mão tremendo na minha
e tudo mais, esse silêncio e as frases tão bem
arranhadas como o joelho que lambe, lambe
esgalamido. não haveria nada a dizer

2.

tenho perdido muitos reinos com o se
percebe a minha irresponsabilidade com tudo
os crisântemos que murcharam, os pescoços que não
eu não lambi, eu chorava pescoços, amor
- porque ele está tão aos longes e também aquela toda outra
olho as criancinhas e meu coração se aumenta em batimentos
tantos. tenho paúra deste mau-tempo, senhor d

3.

rosinhas tão bonitinhas se despetalam
enquanto uns putos se desnorteiam
essa casa já foi uma teia de pedras e foices
e a tina d'água imensa em que me afogar
essa casa qualquer coisa de imunda
como esses meus lábios que aceito
é verdade, nada nada santos, louquíssimos
e prontos a próxima hora de abandono. ó.
você gostava desse ó tão triste que termina
as poemas. como levantar pedras pra u'a casa sem ó?

4.

uma cartinha depois e já não era esse tanto.
incendiava toda sua quebrada e olha, eu sou
só mato, visse, minino?
e a palavra escuta. escuta

5.

já não perco a respiração enquanto caminho sozinha
sinto cheiro de cachimbo e o passado é uma coisa tão
inexistente quanto a espera. esperar o quê, querido?

6.

quebrar co'as unhas estalactites, morder cenouras duas
que trazes pra o almoço. brincar y brincar de fazer filhinhos

7.

y já te amo desde sempre. y

água benta

eu gosto da noite
gosto de acordar em casa
você partiu
era noite
era dia
uma cara de cadela sem dono
uma cara dos que se abandonam
uma cara de quê
eu não tenho o que chegue
eu te pago uma passagem
eu vou ser puta
me dá sua agenda
eu não tenho seu número
vou te contar um segredo
te arrumo em emprego cá em casa
eu vou ser puta
dorme
eu não dormi essa noite
você foi já era tarde
faltava ainda 2h
tenho que ir

é cedo
é tarde
que hora é essa
preciso dormir
os cachorros não têm fome de madrugada
eu tenho fome
me come
vamos ser só cúmplices
é água benta
isso é tanto
...
sente esse silêncio
guarda esse silêncio
até o outro lado desse precipício

cartinha, em lugar de dizer

há uma poema que diz
o mundo-dentro é tão real
quanto os cem mil mortos
e a execução de kadafi

como um poema cá dentro
que quisesse tão-somente dizer
o corpo o desejo de um teu cor-
ação disparado num meu abraço

como um velho que não
não ama uma menina
nem tão menina
que se sente vivo
em um corpo vivo
junto do seu e grita
eu estou vivo sim

há coisas muitas ainda
que qualquer poema
não pode explicar como
isso de o tempo ir a matar
tremores ansiedades um cor-
ação que dispara num abraço

há cá essa uma poema que redundante
inútil um não-poema um não-teorema
uma cartinha assim simplesinha
que não te posso deixar na janela
no caderno uma cartinha
tão-somente pra dizer a pele rosa
de tão branca de tão jovem
ah oxalá tão minha
tão nua

pra não dizer mas chorar e rir e sangrar
uns carnaubais um rio pra sede um desejo
de uns teus dentes a me arrancar
língua e lágrimas e o coração
– *é por você*
ouço e tremo –
tão real quanto uma aposta
um solo de sopro essa sede chinito

em lugar de desenho,

três gatos pintados me olham da sala
essa menina tá dançada
tanto sol tanta praia a coluna ereta e nada

umas unhas pintadas de azul
um nome tingido de encarnado
o buraco negro na parede fora de órbita

olho os gatos pintados
e meus músculos brincam
de fazer casinhas indianas
meus olhos brincam de ficar estáticos

até que os dentes se cruzam no absurdo
numa dentada de tigre que não se vê
que espreita espreita pronto prontinho a atacar

fico com um nome um nome seu
a estalar nos dentes
'linha metafísica dos ossos'

o nome estala junto de um mar
que invento no riso e rio pra os gatos
os dedos em figa pra 'garramento nos ossos

cada um dos seus ossos
são bons os seus ossos penso-
os escondidos por trás dos pêlos
da camisa tão inútil e *freak*

os dias estão quentes daqui
e esses ossos me atravessam como
o nome antes como palavras tão bem
arranjadas a meter essa coisa nos dentes

eu revejo fotos procurando os ossos
por trás da câmera e eu não vejo
mais que uma poema

esta poema que profanasse o tempo
a metafísica vinteminutos e que se abre
a um desejo tão puro de pegar
cada um desses ossos tão bons

dos ossos sei dos dedos que me segura
a clavícula quer dizer eu sei dos meus ossos
que estalam com o toque tão sutil
e ingênuo da poema que se abre na manhã

rio olhando os gatos e assim
tão paradinhos gatinhos pintados
eles me lambem a linha do joelho

ainda que não haja gatos
seguro forte essa linha que captura o nome
um mesmo osso e nome m.

[e não desenho]

la gloria

avellaneda murió
mientras no me muero también
te hago chistes de albañil
una vivienda con lluvia
ríe chiquilin:

tan bestia es la vida
sangre hierro y hoz
un paso cachondo de maradona
su mano
en mi mano

[la gloria]

noturno do benfica

*flagro-me arrancando do mundo montanhas de bondade.
arder emociona desde que aqui cheguei.*

aparecia pra me virar os avessos.

continuava a aurora à uma distância inexata porque
eram tão bonitos os pingos da chuva sobre a rua molhada.
pe-que-ni-na.

um eu em noventaesete polegadas. rarefeita.

tanto te amei do alto pensando nessa cidade, todas
[as cidades - como
localizar assim no tato um ponto pra sua fuga e minha liberdade?

a liberdade é uma agonística. pororoça da minha y tua água.
pronto, algumas horas e essa cidade gloriosa. pura, delicada.
febril.

sussurra - as línguas do inferno, a voz mais grave e dorida
aqui o ombrocorpo. chora, canta, dança.

inventa o mar, os girassóis, uma palavra e o silêncio.
[desabotoa tudo
a queda do corpo que suspende.

noturno pra ela clara, claríssima

pra fazê-la sorrir e respirar longo, engolirei
caroços de manga & abacate pra o chá mais
cremoso. e vou tocar mandarins que tiro de um
rimbaud - dum papagaio do mar. toca. toca.

toco a ponta da língua no céu da tua boca.

não. nunca mais vou ler uma roda de evangeliz-
ação, convites pra swingueira. qualquer outra
mão pequena e muros pintados a giz e esses ex-
pelhos de dizer a miragem, pesadelo e agonia.

e só agoniza uma espera bonita pra me sorrir.

vou esperar um sábado pra nadar com ela
um sábado com cara de domingo ou sexta à tarde.
e eu posso esperar ainda a vida inteira
sem pressa {...}

tenho uma urgência em lentidão.

talvez consiga construir uma casa no mar,
na floresta. se pudesse viver comigo era
um riso e era dentes. era bom o pêlo espesso
e os tijolos da patagônia ou a glória ou o capim ma-
cio. macio. eu quero a poema e a nossa língua.

quando vieres ver um banzo cor de fogo

1.

tinha uns olhos doces.

desses que dão vontade de a gente ficar olhando até o dia
amanhecer, mesmo que eles se fechem de sono.

os olhos ficam todo o tempo a te olhar.

todo o tempo.

mesmo que no chão.

no ecrã.

na outra, um outro.

pedirei a ele uma visita

assim, coisa rápida como uma visita a um parente distante
a agonizar a morte. um anseio de toda e qualquer pequena
morte. uma performance como incursão na vida.

pedi uma visita.

seriam seis anos já?

dois ou três dias

ria-se.

os olhos eram os mesmos
os pés não.

já não podiam caminhar junto a terra, tanto fosse mar
ou o quê.
uns pés nos longes, um nome, um banzo cor de fogo.

pedi a ele uma visita e sem ansiedade se arranjam vôos,
revistas, flores.

e aqueles olhos de me olhar.

em algum momento beberemos
- à poesia
- aos encontros
- aos encontros que são poesia

não dissemos nada.

em verdade eu tagarelava. eu que nunca soube palavra dizia
as coisas de um idioma esquecido, recém-parido. um crioulo
das crianças a pular, um gênero híbrido.

em verdade tudo dizia, mas essa memória agora diz-me o
que é bem verdade
- não diremos nada.
que palavra dita será uma descomunhão com esse instante
partilhado, desfiar os tecidos mais celestes, àquela antiga
delicadeza de renda.

é verdade, tinha-me flores
do rosa mais rosáceo com as pétalas de me afogar
o caule mais verde aos pés do ouvido
duas, três casidas de vitória-régia
encarnado-lábio.

e de me olhar, faz acenos nos cabelos. acenos de partir mais
que de festinhas.
eu também queria mergulhar os seus cabelos de mago escondido até que fossemos um só par de cabelo-barba-e-bigode, um só par de olhos que estremecesse todo riso.

em seis anos,
dois ou três dias, tinha o desejo nervoso.
agora, uma noite combinada, negra e breve
palavras carregadas de uma só dicção
- esta lembrança delicada
- suas flores sugadas pela minha boca como um túnel
até o gozo
um beijo lento,
terno e quente
silêncio.

os olhos a sorrir na distância
um beijo lento de rodoviária
como um adeus num cemitério de vagalumes
uma melancolia bonita
um pequeno milagre.

2. quando vieres ver um banzo cor de fogo

minhas mãos nunca mais terão tocado a lama
nenhuma sede ou qualquer cheiro

só um souvenir, como precisão
de palavra bonita mais que poema

um e outro relicário:

porque as minhas mãos não
fizeram isto. quiçá o sim, o nome antes

diz-me ainda a minha sinto:

sim, amor e palavras são
para guardar até o quem sabe talvez

ardo uma dicção inventada para dizer
podes sentir o meu abraço?

3. quando vieres ver um banzo cor de fogo

talvez a sida ou peste já nos tenha a todos
afectado a pele a não mais luzir o suor dos lombos
os olhos sejam o quê de duas coisas verdes.

também eu estalo e não terei estado em penedo
e faço sacrilégios pra que daqui a lá já não te deva
aqueles quase dois mil euros.

toda carne então é só essa coisa de meter
ternura. e os bocadinhos de lembrança
do lume à cera. vigília e nada.

quando vieres ver um banzo cor de fogo
oxalá não se enrugue esse couro que de tão velho
já não será tambor. *oxalá cresçam pitangas*, poemas.

sem título, em lugar de lágrima

- *para tom jones*

uma fina delicadeza me cobre
o canto dos olhos
transparência - luz

con demasía y despacito
dime tu voz
esa textura innombrable

y abrázame
y es un poema entero
el llanto más salvaje

agua claridad coyote
par delicatesse
toi dans *'ma vie*

sem título, com convulsão

ontem me lambuzei de saudades
sei que “tão brasil”, você pode nem saber o que é saudade
eu também não sei eu sinto.

hoje a vida não me chegou pelo telefone, nem pelo velho rádio
hoje eu fui ao mar e me estirei concha na areia a sonoridade
um não-sei-quê de rio
passava uns jumentos abandonados e pronto me enchi
redundante de saudade
de tudo o que invento rios cavalos essas frutas tropicais
um mar em meu riso, ais que auroras crepusculares
dessa saudade que minha mãe não me conhece e meu corpo
te pede vida.

nós nos amávamos tanto-mar e era doce o sal que gostava de
te lamber
muito embora olha que curioso você implicitamente se continha
se enchia da fumaça do meu tabaco com filtro e eu te filtrava
todos olhos moles sim
que era a poesia que sei-os
vestido de cetim vermelho ou qualquer desses finos tecidos
que há fêmea

agora aqui nessa mesma praia fria de lestes ventos
eu que sequer estou na praia
eu aqui ou poesia, queria que você soubesse o que é saudade
pra me abrir as pernas e me puxar
e me deixar te caminhar.

então uma composição pra outono em saturno
anoitecia a madrugada. eu te ria, chorava
em tantras te trajeto cílios, ílio
e você me fica distraído ao mundo, só pra eu poder
passar e olha já dizia a modinha tão bonitinha e olha:

**só vou aguentar esperar a quaresma se me der a comer y
comer milímetro e milímetro sua carne
se incorporar orixás comigo**

[porque olha eu sei que *vai dá certo* mas assim com essa
raiva longe dá não, visse]

minha noite é conexão.

e

a madrugada, intervalo.

p

a

v

o

r

a

.

sem título, com tanto

às quatro horas

*seu nome é o mais lindo
de bocaboceta mais macia
yinyin ipara - nome destino
- fumando a espero
enquanto te espero:*

ensaio um tango, como pudesse dizer

lembra

herdo essa alegria de rio seco a atravessar o estio.

preciso de enganos, paixões, dúzias de cartas estúpidas
sanguinolente assim, sem poder com o que é morno e morto.

preciso dessa dor que me rasga y rega - e sua poesia
- sanguinolente.

rodo o ayè, como pudesse dizer ou dançar o fogo
lembra

há em mim um exército de setenta mil virgens.

te encaro
ofereça a monogamia, o estar entre árvores y nuvens

o sempre – ou quaisquer mentiras
desaba comigo, como me oferto

de braços abertos como quem mendiga
te entrego flores, alfanjes

ateio mil demônios às vestes, como pudesse ser mais que sangue
te me entrego e lembro

o cair é só. abysmo.
e caio. e inferno. e enfim.

sem título, com repeat

debaixo de um dois três sóis uma casaoca com
acento te olha
todos sóis te tingindo a pele um cerco de te chamar
pianíssima
te olha lá debaixo y pisa um dois três astros
voltando à noite
escura bebericando anis estrelado com a menina e
seu caderno
e volta e nada me demove te olho lá debaixo tão
colorida clara
'y escura quase preta' delicada se insinua me
estende ossos pra
oca com acento a mulher ilíosa rio oca e te levo a
nado enquanto
ando uma rua sem flores uma rua feia mas uma rua
tão linda você
que existe enquanto ando os pés suados que
escorregam e caio e rio
porque estou dormindo e é quase hora do bânin e
agora vivo dor-

mindando um signo de eterno sono porque o amor é
uma coisa bonita
que dá sono que deixa a gente pronta a dormir ou
algo assim assim chorar
meus pés suam e vou escorregando pela rua com
um cigarro apagad.
.. como se fumasse como se nadasse e nem isso
porque amor todas
as palavras são repetidas porque sim porque sim só
te dizem amor
as palavras só te dizem e teu corpo caído e morto e
tão chiaroscuro
todas as palavras só dizem tua língua tua língua tão
antiga e inaugural
amor - *since i've been loving you*
desde o deserto a patagônia y sempre tanto teu
corpo y tudo amor sim
amor - *i've loved you so long*

sem título, com água y sal

eu também circulei aquele poemabysmo
flexiono pra trás numa postura de herói
lembrando a noite y a noite
cidade tão quente essa, uma cidade aberta

há uma dor aqui
algo tão mudo junto às marcas do meu corpo-
dentro como um abysmo de se cair que dissesse

crescendo junto ao silêncio e as fitônias que murcham co'água
há uma dor aqui
um diamante de fogo dentro do útero
aquela água toda
e tudo se alarga assim uma queda sem-fim
uma suspensão, um incômodo qual

tenho um livro inteiro pra riscar
circular

- queimar um outro

tento pensar em temas grandiosos
deus, a videterna, o precipício. não:

há uma dor aqui

os rasgos são só um ciúme, uma ansiedade, um coração-aumentado

chorar. esperar. partir.

os dias passam com suas horas poucas

tantas

como alcançar um supercílio, um silêncio que não arda

respirar desde o diafragma até os pulmões

silêncio.

um intervalo pra um oi

um bella ciao

um nada

há uma dor aqui

dezeembrância medonha

suas auroras têm o cheiro das acácias que nunca vi:
jardins selvagens, salgados de saldades.

as nuvens de seu céu são sinônimas do mar:
têm as arestas pintadas de prata, impressões do interlúdio.

os crepúsculos de diadorim têm sabor de graviola:
vão-me embora.

vário som

entendi que não devo
soltar a fumaça pelo nariz
eu vi a sorrah na tevê
e saquei aquelas rugas
que você me disse e eu penso

saiba tragar bem forte numa
respiração completa além-pulmões

do que você me disse
brincam as palavras
na caixa de música francesa
é eu consegui guardar
a sua voz na caixa

do meu telefone portátil
e passo as horas com medo
de esquecer a sua voz
ao passo que não esqueço
a fome que arde nuns

desconhecidos que me são
tão próximos como nossa fome
de um café marcenaria
um sítio no mato uma livraria
e fico a ouvir repetidas vezes
as laranjeiras e o vento

e essa ausência que é ruído e é
silêncio a presença da tua presença

a lembrança da tua voz
um rio que te intuía
entre as pernas minhas pernas
e todas essas coisas
que não se podem dizer

suíte buendía

*«Whan that Aprille with his shoures soote
The droghte of March hath perced to the roote ...»*

- Chaucer

o espanto longe
pedra abaixo

porisso estou
sem memória

a olhar as vacas
que te distraem

uma folha
que dá sombra

aos teus olhos
tão lindos

tão longes
o ar que busco

lume do teu sangue
em minha boca

teu nome
próprio e verbo

a derradeira palavra

moraesiana, 1

às vezes na manhã bem quente
você vem como um bafo soprando
atravessando tudo dentro

moraesiana, 2

um acontecimento é uma coisa
tão delicada e febril
as roupas estendidas pela lavadeira
que sou eu esse vento de aurora
que me enamora uma dobra
lufadas de movimento
o cheiro e o cheiro do teu cheiro

ex-voto

enquanto as pessoas estão na sala de jantar
eu lembro e ouço suas mãos.

outro estudo pra o silêncio nº 2

teu nome, vago e distante
entretantos, morada.

variação, homérica

a nostalgia da poesia - seu corpo
rega tudo. são sangue
que desviam tua alma.

pequena canção de inocência

é preciso agradecer sempre - todas as manhãs
o humor | o sabor amargo do bolo, das rosas

é preciso não esquecer nunca - todas as manhãs
o amor | ainda sob um céu de bouganvilles

[sempre e nunca é muito tempo & ainda]
o rumor | tudo é ruína

saudade, um rastro pra joana corona

ela foi para o mistério

de uma costa em areia e flor

- delicadeza tanta

ao infinito que não podemos nomear

ela voou para dentro da beleza

estudo em linha reta pra o desapego

- toda história que se conta tem mentira dentro

talvez, me parece, me ver já não seja tão importante.
mas eu vou mesmo assim. desculpe, você é charmosa
e tem todas essas qualidades que a gente aprecia e, olha só,
não é nada com você: não quero nada com você. uma coisa
bonita é a minha mão. a que afaga, cobre, silencia e encerra.

3. drama-poesia

_____ escrevo,
para que o romance não morra.
Escrevo, para que continue,
mesmo se, para tal, tenha de mudar de forma,
mesmo que se chegue a duvidar se ainda é ele,
mesmo que o faça atravessar territórios desconhecidos,
mesmo que o leve a contemplar paisagens que lhe são tão
difíceis de nomear.
[...]

Há sexo envolvido? Há _____ respondo, a quem imagina a
pujança sob essa forma de prazer. Mas, para o poema, não há.
Não há, então, sexo envolvido? Há. Para o poema é
inconcebível não haver um corpo humano que não o suporte.
Essa é, diria, a sua conjectura.

- Maria Gabriela Llansol

chinito numa nota:

abertura para um sol em tuas costas

m. disse, 1

disse que não me conhece

disse que o coração é uma ave sem plumas

disse que o poema é uma coisa tão nua

- a se confundir com a vida coisa uma e coisa outra

disse que já não podia me ver

disse que tenho uns olhos de louca

- olhos de quem nunca existiu

disse uma palavra exata duas

está morta

fuga pra santa maría

uma voz me atravessa a Noite, lentamente. como a base escura de um dente 52, escondido pelos lábios quase finos, tantos grossos, que se me revela junto ao sono supitante. esse dente que me marca em visita. ele me visita. os cantos mais secretos e os rios que rebentam sua ausência y diz: banho-o. como me banha a língua da mesma boca-voz. uma voz me rasga. repito: uma voz me atravessa os olhos, a garganta. eu queria dizer que uma voz me atravessa os olhos, a garganta. mas uma voz me atravessa os olhos, a garganta.

ainda que não erga um sítio, é urgente, urgentíssimo reencontrar a voz. enlaçar-me à voz, num tango, num baião de dois, até o silêncio, até à comunhão dos rasgos e o atravessamento. hasta el *libro de los abrazos*.

não posso dizer que não me lambuzaria de você...

... que o que disse são fantasias. éramos crianças e corríamos campos de chocolate. coco-caracóis. cria em nossas pernas, super-cordas, a resolver distâncias. elas doíam, mas a dor era breve e boa, que nos acostumávamos fácil em vícios e poemas e pernas. as pernas se enroscavam e se perdiam e se encontravam. paletó & gravata, nós desatados, echarpes lílases. vestido & vestido.

tinha uns olhos revirados. feito bruma fora de órbita, em meus anéis, o seu jogado fora estante abaixo, bueiro dentro. meus longos dedos. a mão água-forte. seus olhos suavam suores do cheiro de um par, uma dupla de deuses coyotes que criamos. suores que tremiam à água-forte que nos arrebatava pernas & dedos.

dançávamos cirandinhas, candombes, redes & redes. giravam nossos sóis e já não tinha medo. dançava. meu corpo seu palco & pés. sim, dançava e meus sóis te iluminavam o caminho, pra frente o melhor. tatuava em mim tuas cores, rojas, moradas e de misturas e desenhos e cãs e cavalas.

entendíamos de sonhos e eu já não mais precisava tirar férias de mim. que também era você e já não era pranto. o oceano era meu riso, teus dentes em meus seios coloridos de misturas tatuados em mãos e boca.

minha boca cheia dos bichos que subiam em espirais, a correr pras tuas entranhas e revolver, bagunçar nossos bichos que se encontram e bailam e giram. e morriam uma morte instantânea e bela pra se re-revolver em novos seres que nos tornávamos a cada instante da vida nova e boa.

& gavetas em pernas daliâneas, portas daliâneas. não batia que era sua a casa e eu também. e do que é fechado nada entendemos. era livre e saía e voltava. pétalas de nossas filhas rosas e tantas flores tantas cobriam a ponte que nos unia. a ponte pegadiça que tem nossos pés como senha. uníamo-nos animais, deuses, demônios. e era o teu corpo minha morada. meus braços teu país.

e já não sou estrangeira, e já não te queda em enganos e ao amor obscuro. nascemos. prantos & gargalhadas estão inacabados. te esperando. esperando nosso encontro tanto. belo, verdadeiro e delicado. nosso encontro tanto.

micro.

colossal, começou pelo pé 42. enorrme. e a cada peça tirada mais imensa me vinha. e eu precisava ver a boceta dela pra ter certeza que era mesmo uma mulher. nua. completamente nua vi a fêmea em cada pêlo. era mulher em cada poro e até no pé de número 42, sobretudo. mais mulher que qualquer outra e mais até que a que me engana, se mente, chamada minha. é muita mulher. até pra mim que não posso, não posso porque só poderia matá-la com um beijo.

romance, variegação

ria. ria e repetia meus ains. não se importava se era escândalo e até gostava. ria e me queria repetida.

qualquer outro não. um sorrisinho com o canto dos lábios e pára com isso doida, olha o escândalo, os vizinhos. e os outros casais trepando em silêncio sob as marcadas paredes do motel.

as paredes do motel esplêndido eram lindas. até as paredes do motel esplêndido faziam arte aos meus olhos, beijando minha boceta, me ajoelhando e salivando.

ah, ajoelhada! ria, ah, meu rey! e pinava as mais altas notas do sax e essa nuvem tão belicosa fazendo vulto.

como vulto ali me tendo as coisas caídas, negras e caiadas. raynha e escrava-livre desde os carros de aluguel até os urros e os possessivos e o tudo enorme, enorrme. desde o silêncio das esquinas e voltas perdidas a praia é longe e demora até o abraço e outro abraço com a carne e os músculos e os ossos e a banha, sim, também todas suas banhas são boas e até as tuas, como os ossos, os músculos e a carne toda.

nossas carnes expulsas dum falso paraíso e vomitadas pela boca de um deus da mornidão. morno lá. morno cá. que transborda seu desejo, os olhos musicais, ais. fora. brisa é fora.

dentro no. dentro es fuego. agarra los pechos muerdeme el culo y hace todo

encajar. dentro treme cai o vinho barato lambuza as calças molha mela pira.

dentro rasga, lembra e acontece. e surge como um selvagem em minhas mãos.

o coyote diz: não é um poema,

um acerto de contas co'a mulher que deita comigo casa
comigo dança e come comigo lembro poemas próprios
poemas a vida real um uivo de ginsberg seu uivo na tarde
quando a criança brinca na vizinha e eu brinco e brinca
a mulher que me lê poemas *mil e uma noites* e abismos
enquanto ouço isto não aquilo sussurra a boca longe
5 centímetros dos meus dedos e uma surdez tão linda
mas *antonia você parece louca!* e louca esperneia e se debate
e geme me bate! vai dorme enquanto faço tapiocas acorda
enquanto durmo e reclama que desperdiço as manhãs
da promessa mais antiga *vamos foder o dia inteiro* acordo
e três acordes violentos 'quando tudo quase tudo /tudo tudo
te esperei/ o mar [respira] abrir um acerto de contas co'a
mulher que se suja e suja tudo me suja cores tão lindas
e o outono essa palavra tão bonita das roupas que lavo
e ela não quer que eu lave e eu não quero que ela se lave
a vulva tão sensível que lambo ay amor me lambe tudo tão
sensível ay cadella se meus dedos fossem gelo fossem ferro
um guindaste pra o seu corpo navio isso um acerto
de contas co'a mulher que me devora os olhos se dilacera
toda beijos toda manha toda toda mulher que gosto

de a dizer assim isso mulher como a primeva a mulher-javali
a búfalo branco a espada que voa de dia te grito inanna
me mija e me menstrua e me lambuza e me deixa deixa
a coluna toda ereta a respiração toda completa tato todo
fogo e sangue descortina a cortininha improvisada de chita
ou de xita e suas florezinhas de sangue e seus olhos rasgados
solares que arranca arregalada arreganhada e ainda mais
aberta pra o acerto de contas os pratos limpos as xícaras
limpas tuas calcinhas limpas tudo limpo tudo às claras
e mando tudo às favas caso, vôo, amo, morro um verso
repetido como toda poema que não é poema é um cabelo
que me pinga e que me mela e que me cresce e se embola
em cocorutos pelos cantos são coisas que dizia que lia
que me movia a esperar a esperar a esperar pra o acerto
de contas
me espere pro jantar - co'á calcinha vermelha

m.

estou aqui viajei pas trouvé pim e tou aqui um amigo sempre dizia quando eu lhe dizia que estava em viagem traga o que for buscar e eu não trouxe pim c'est-pim perdu pim mas a palavra cascalho também me inunda a boca como lentamente eu gostava de dizer muitas coisas dizer que meu corpo está muito suado e que eu corri por hora e meia e correr é como um trabalho que espero fazer no futuro porque sim eu espero ser carpinteira ainda que não conste em qualquer dicionário a palavra carpinteira e então a minha mente se mantém ocupada apenas dessas coisas da carpintaria e da corrida que coabitam com coisas muito íntimas como um desejo de ver uma certa senhora trouvé pim e falar palavras como cascalho e lentamente e desejos tantos outros que a gente pode se por a deitar quando na carpintaria e na corrida um corpo suado e sem órgãos sem órgãos deve ser um corpo quando não se está a ocupar de coisas que não são a carpintaria e a ordem prática do dia como montar uma exposição com pregos muitograndes pra se pregar num madeirite para quadros de 30x30 um corpo suado e sem órgãos não pode ser uma máquina embora sue como funcionários devem suar com seus órgãos tenho o corpo suado da corrida e sinto cada um dos meus órgãos

como se tivesse tragado uma diamba direta de angola e sentisse assim as coisas e o corpo pungentes como devem ser e são mas que esquecemos dado o corpo repleto de órgãos e sinto estes órgãos a querer dizer estas muitas coisas que mesmo suados dentro como se órgãos vivos de um corpo um corpo sem órgãos suassem dentro porque sim suam dentro e digo nesta escrita de um corpo um avoz que se aperfeiçoa em ausente em silente here i am como a música diz essa coisa ausente e tangível como o próprio beatle vivo te tendo os olhos pegados à cara eu disse também que não obstante tenha uma dislexia que ora melhora e agora piora e eu não entendi nada do que dizem tampouco me faço entender eu já disse nosso diálogo é interminável e eu faço yoga como quem faz amor e meu corpo suado tem órgãos prontos muito exatamente prontos à essa coisa tão íntima como o desejo de ver uma certa senhora truvé pim um corpo suado e pronto a queda a inundação qualquer desastre como coisa que o viva sem órgãos tenho tantas coisas a dizer e é isto o que melhor diz a linguagem anula qualquer possibilidade de clareza e se esvazia e então eu faço um traço com cada músculo de modo a desenhar os órgãos inteiros de um corpo geométrico e exato para o samādhi para o que a linguagem não diz conquanto não seja ruídos

jgsgvjyeesbkyedbkuecnjtwxnktxnotdvkydbktdvurcji
rcjudcniraeuckurxnirvktdbidsfjteivsrcotruidhutubc
kyejbciyehvcurthcjtygsvheorghrowghrow88hf2o84
yho838hgrsughougherkughelvhslrigelrghelrvhlirv

blgerihgeroieghrwliherlighelirbvelirbvelribelgibne
libelibleinbegilgnrwingeçbneçbnelinbleinblenbelin
bleinbleinbirehgeirhbelirnblrivbliervblfdvbldsidfhw
ohterlibjvdçacnbewuhferugboi45etu35oe8rghwles
ngldfnblfdbnldfnlfdkdbnlfdbnldfknçejbçdfnvsçroi
gteçorkgçandfldnbçrelkbhrepwegvnvrknbdçflnmkt
ojgowehsef2p34urt5poetçhjmbfçsvwgejglrsngfdkb
ndflhgeligjrsçvndf.kbndlgaaghbelknvfxbnliitjhçtrg
hlsndvfkfdbndlbdlnbfnlfdnbaeçtnbxfvrubguru
hjdvdvuidvidvdivfivfiufvifuvfiuvfiufvfofufduvhvgruhoo
que enfim deixam de intervalar o silêncio e encontrou pim
perdu pim

drama-poesia de magu em canto verde

passei os quatro dias de carnaval pensando em sua boceta. quando o sol em vinteminutos – ou mais ou menos – deixava a parte da frente do meu corpo vermelho pimenta dedo de moça e você era um moleque tentando jogar bola com aquele pangaré, porque é um pangaré um gurizinho que tosqueia e falseia o pé na bola e a deixa correr pro mar enquanto as crianças tão lindas querem jogar bola. e a mulher linda, tão linda, sua seminua atrás da bola. e eu suei tanto encaixando meu corpo de lado sobre a areia, entortando o pescoço pra te tentar ver a boceta num vãozinho que fosse entre o biquíni e a virilha.

é verdade que passavam uns meninos caiçaras dando voltas e pulando estrela-canastra junto às ondas que quebravam pra me chamar atenção e me diziam coisa aqui, coisa ali e ‘nossa sua terra deve ser supimpa’ – pobres putos, nada sabem desse chão que desabriga os pés e congela cada um dos ossos e *toda cidade é inóspita, meu bem* – e diziam coisas da comunidade, da reserva extrativista e eu me comovia à vera com as histórias de pescadores que não têm qualquer dinheiro nos períodos de defeso e se vêm obrigados a se entregar

aos cativeiros tantos apinhados de peixes e mariscos e merda. me comovia à nina e até me brotavam umas lágrimas da gente que tantas vezes também não tem que fazer senão entregar os lombos ex-livres. me comovia sim e lembrava teus pêlos que cobrem a boceta-mulher, como se esta boceta fosse uma via pra liberdade.

e escurecia e amanhecia e até chovia depois de uns três anos sem chuva que deixou seca a lagoa do canto verde e deixou até bem mais bonita a lagoa da poeira – com esse nome tão bonito e que eu nunca vi porque só tinha mãos pra tua boceta desde o gozo mais curto e sincopado ao mais longo e taquicardíaco. eu ria os lagos, as cheias, os pingos tão grossos a cortar a pele e chorava os bebezinhos perdidos de suas mães desesperadas, tão sozinhas, como somos todos afinal.

you agonizava, ficava grogue, dormia, se debatia, minha fantasma. o mundo ia e vinha, tudo adoecia e eu só tinha mãos, uns cuidadinhos à toa de quem não sabe o que fazer diante da palavra ‘desilusão’ vinda tão logo eu nos visse com centoeito anos, esse número de transcendência, juntas, tão juntas como os vermes e a terra, quanto a palavra desilusão e esta vida pequena.

ah, tudo era tão triste, o deserto todo, os 70% de fortalezenses que vivem com duzentos ou cincoenta ou nenhum real

por mês; o idh da suíça nesse bairro que chama aldeota porque já foi colônia de milicos - 'more aqui, amamos a violência!'-, e bem ali na melhor vista do forte o idh da etiópia com sua gente que vai desaparecer e nem censo e nem história e foda-se.

é tudo tão real, tudo como sempre

uns poemas horríveis por aí, outros que te estalam uma beleza, um horror, uma tristeza tão bonita, reproduções baratas dos girassóis de van gogh, quatro ou cinco araras na parede da mulher que perdeu o filho tão jovem. tudo como sempre, quatro dias de carnaval e eu pensando na sua boceta.

roteiro pra tanto más

1.
não guardar nenhum livro
desgarrar-me do eu-humano

- poupar os enfins

2.
descer o sentido corpo contra qualquer razão,
evitar até o alzheimer todas as palavras:

...

me despregar de toda composição

e só o S.elvagem

prólogo

‘para sempre ajoelhada no escuro. comove, sim. ama, sim.



Esta obra foi composta em Frutiger LT Std
em maio de 2017 para a Editora Patuá.

esses poemas se fizeram enquanto eu amava y ouvia os bichos.
era o terrível ano do golpe, mas o amor é trégua; os bichos
y a poesia ensinam: *para viver amor é preciso se entregar.* y amo. y ardo.
até voltar a ser bicho.

Tiragem de 100 exemplares